

A “VIDA DE SANTA PELÁGIA” COMENTÁRIOS MORFOSSINTÁTICOS (I)

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)

RESUMO

A importância dos estudos lingüístico-filológicos do galego-português é imprescindível para que se obtenha melhor entendimento dos textos arcaicos sob a óptica diacrônica. O texto estudado, — a “Vida de Santa Pelágia”, — documento essencialmente lingüístico-filológico (e também hagiográfico) do século XIV, oferece, dentre outros, expressivos elementos de morfologia e sintaxe, a fim de podermos realizar esses estudos.

Palavras-chave: diacronia; português; Santa Pelágia

INTRODUÇÃO

Sem a pretensão de ser perfeito, este trabalho desenvolverá estudos morfofossintáticos em torno do texto que nos propusemos pesquisar: a “Vida de Santa Pelágia”, documento essencialmente lingüístico-filológico (e também hagiográfico) do século XIV, quando da expansão do galego-português.

O galego-português, cujas origens históricas encontram base no latim vulgar, ou mais exatamente no latim lusitano, surgiu na Lusitânia do Norte ou na região abrangida pela Galiza e pela faixa lusa entre o Minho e Douro, e constituiu uma unidade lingüística particular entre 1200 e por volta de 1350, aproximadamente.

No texto pesquisado enfocaremos os aspectos mais relevantes de morfologia e sintaxe, e daremos uma amostragem sucinta a respeito das diversas classes de palavras.

Para melhor critério e ordenamento metodológico, procederemos da seguinte maneira:

- a) seleção dos verbetes encontrados;
- b) transcrição do trecho onde os verbetes estão localizados;
- c) etimologia, significação, formas antiga e atual;
- d) regência (quando for o caso);

e) comentários e observações (quando necessários).

Por vezes aparecerão outras variantes de grafemas e vocábulos, que serão transcritos de acordo com o seu registo no livro-texto, elaborado por Clarinda de Azevedo Maia, *História do Galego-Português*.

Os verbetes selecionados serão dispostos tal qual se encontram no texto pesquisado, isto é, sem obedecerem a nenhuma ordem alfabética ou sequencial e à proporção que forem sendo encontrados.

Quanto às possíveis relações entre grafemas e fonemas, tornou-se impraticável estabelecê-las. É que os sistemas de escrita, na maioria dos casos de textos medievais, tornaram-se incompletos e/ou imperfeitos, quando se pretende relacionar o entendimento dos sons da fala com o entendimento visual dos símbolos gráficos desses mesmos textos. Esses sistemas de escrita, por não representarem os sons concretos da fala, fornecem os chamados sons-tipos, que não traduzem a realidade fonética dos textos antigos. Daí as dificuldades e porque procuramos justificar essa ausência.

BREVE NOTÍCIA SOBRE O GALEGO-PORTUGUÊS

A Romanização da Península Ibérica correspondeu, em termos lingüísticos, a uma latinização que pôs fim aos falares pré-latinos ali existentes, até meados do século II da era cristã. Nos primeiros séculos do Cristianismo, segundo José Leite de Vasconcelos, “Nas duas margens do rio Minho desenvolveram-se do latim vulgar, (...), o português e o galego, a princípio quase iguais, mas com o tempo discordantes um pouco um do outro” (VASCONCELLOS, 1966: 328).

Em face da tendência natural de qualquer idioma, essas duas vertentes do latim vulgar evoluíram e esse evolver implica uma periodização. Sobre o assunto, optamos por ouvir as palavras do professor Celso Cunha, enfocando desde o latim ao português atual:

Baseando-nos em parte numa conhecida periodização proposta pelo sábio lingüista José Leite de Vasconcelos, distinguiremos as seguintes etapas na evolução do latim ao português atual:

a) *latim lusitânico*, língua falada na Lusitânia, desde a implantação

do latim até o século V;

b) *romance lusitânico*, língua falada na Lusitânia, do século VI ao século IX, da qual, como da fase anterior, não temos nenhum documento escrito;

c) *português proto-histórico*, língua falada na Lusitânia, do século IX até fins do século XII, e da qual podemos vislumbrar algumas características nas palavras intercaladas em textos do latim bárbaro;

d) *português arcaico*, que vai de princípios do século XII (1211 ?) até a primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente;

e) *português moderno*, que se estende da segunda metade do século XVI até os dias que correm. (CUNHA, 1982: 21-24)

De acordo ainda com José Leite de Vasconcellos, aos períodos arcaico e moderno

Dever-se-iam atribuir outras subdivisões, pois que neles as mesmas encaixam-se perfeitamente. O professor Celso Cunha considerava

aconselhável distinguir duas épocas no período compreendido entre o século XII e a primeira metade do século XVI; uma a do português arcaico propriamente dito, que abarcaria a língua dos séculos XII e XIV; outra, a do português médio, que iria do século XV a fins da primeira metade do século XVI e representaria a fase de transição entre a antiga e a moderna do idioma. (*Ibidem*, p. 24)

Documentadamente sabemos que datam do século XIII os primeiros textos redigidos por inteiro em galego-português. Em consonância com Paul Teyssier,

Acreditou-se durante largo tempo que os mais antigos textos em galego-português datavam dos últimos anos do século XII. Estudos recentes mostraram, no entanto, que não foi exactamente nessa época, mas no começo do século XIII que esses textos apareceram. (TEYSSIER, 1982: 21)

O galego-português surgiu na Lusitânia do norte ou na região abrangida pela Galiza e pela faixa lusa entre o Minho e o Douro. Esse idioma formava uma unidade lingüística particular e que se manteve com uma certa homogeneidade até a metade do século XIV.

É provável que o galego-português tivesse delineamentos próprios desde o século VI, porém só a partir do século IX é que se pôde comprovar a sua existência por meio de vocábulos coletados do

latim bárbaro (língua dos tabeliães, escritas e usada em documentos forenses da Idade Média).

A despeito de ter sido bastante escassa a produção filológica de edições e estudos de documentos do português antigo, contamos hodiernamente com trabalhos de fôlego, haja vista o de Clarinda de Azevedo Maia, intitulado *História do Galego-Português*, onde encontramos uma excelente e criteriosa exposição do assunto.

Nesse trabalho, que acreditamos seja pioneiro, a autora catalogou fecundas fontes de pesquisa e mencionou a sua respectiva localização geográfica, espalhada por regiões da Galiza e de Portugal.

Transcrevemos suas próprias palavras:

Compõem esta coleção cento e sessenta e oito documentos de proveniência diversa, selecionados entre os fundos de vários arquivos portugueses e espanhóis: Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), Arquivo Distrital de Braga, “Archivo Histórico Nacional” (Madrid), “Archivo Regional de Galicia” (La Coruña), “Archivo Histórico Provincial” de Orense e “Archivo Histórico y Universitario de Santiago de Compostela. (MAIA, 1986: 40)

(...) os documentos reunidos (...) distribuíram-se pelas quatro províncias galegas — La Coruña, Lugo, Pontevedra e Orense — e pelas duas províncias portuguesas da região compreendida entre o Minho e o Douro, ou seja, o Minho e o Douro Litoral. (*Ibidem*, p. 35)

O TEXTO E SUA SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA

O presente texto, — A VIDA DE SANTA PELÁGIA, — objeto de nossas pesquisas, é datado do século XIV e se insere no grupo dos chamados *textos não literários* (ou estritamente lingüísticos) do português antigo. Os originais encontram-se depositados no *Códice Alcobacense*, nº 771, do Arquivo da Torre do Tombo, de folhas 139 R. a 142 R. ou 149 a 152. Como dissemos, tem o caráter especulativo de um documento puramente filológico; em paralelo, propicia uma bela amostra de conversão religiosa, tratando-se, por conseguinte, também de um documento hagiográfico.

Embora despido daquele rigorismo gráfico dos textos do século XIII, quando se estava ainda no início da fixação gráfica, visto que eram escritos sistematicamente em latim, o presente documento

apresenta algumas dificuldades quanto às relações entre grafemas e fonemas, porquanto o sistema fonológico sofreu notórias modificações, permanecendo o hábito de usar-se a mesma grafia para fonemas diferentes, o que torna impossível obter-se de modo satisfatório um resultado de todas as mudanças lingüísticas. Isto quer dizer, em suma, que nem todas as alterações verificadas no sistema fonológico dizem respeito ao sistema grafemático, daí porque não ousamos tratar aqui do problema das possíveis relações entre grafemas e fonemas.

No que tange à grafia do texto, pode-se dizer que ela é, de um modo geral, informe e constante, como sói ser a dos textos arcaicos.

ASPECTOS MAIS SALIENTES DE MORFOSSINTAXE

Neste item, daremos, sempre que necessário, a origem etimológica de cada uma das classes de palavras agrupadas no respectivo estudo morfológico; exporemos, também, os mais expressivos fatos sintáticos. Essa pesquisa será feita de acordo com a localização dos verbetes no texto à proporção em que forem sendo examinados, isto é, sem a preocupação de ordem seqüencial e alfabética.

0 artigo

De forma específica, estudaremos apenas o artigo definido, posto que o indefinido encontra-se arrolado entre os pronomes indefinidos.

As formas do artigo definido em galego-português provêm das formas de acusativo singular e plural do pronome demonstrativo latino, conforme demonstração abaixo:

ILLUM > ello > elo > lo > o

ILLAM > ella > ela > la > a

ILLOS > ellos > elos > los > os

ILLAS > ellas > elas > las > as

Segundo explicação de Clarinda de Azevedo Maia,

A evolução destas formas está profundamente condicionada pela sua atonicidade: esta característica explicará não só a perda da vogal inicial de *elos* como, mais tarde, a da consoante inicial de *los*. (Ibidem, p. 644)

Vestígios da forma castelhana *El* registram-se em alguns textos dos séculos XV e XVI.

A concordância com o substantivo é feita em gênero e número.

Ainda de acordo com a autora, quanto às formas do artigo definido,

(...) há uma diferença bastante sensível entre os textos de Galiza e Portugal. Nestes últimos aparecem apenas formas muito idênticas às actuais, ainda que, nalguns casos, com distinta configuração gráfica: *o*, *ho*, *a*, *ha*, *os*, *as*. Nos documentos da Galiza, a par de formas deste tipo (cf. *o*, *ho*, *a*, *ha*, *aa*, *aha*, *os*, *as*) — que são as mais frequentes — existem alguns exemplos das mais antigas com *l*- conservado: *lo*, *la*, *los*, *las*. (Ibidem, p. 645)

Passemos agora aos exemplos pesquisados dentro do texto que nos coube:

No singular:

fol. 75r **5**. “*O* / qual logo abrio sua boca”

fol. 74v **1**. “Aqy se começa *a* vida de Sancta Pellagya.”

No plural:

fol. 75r **4**. “Junctados asy *os* / dictos bispos,”

fol. 75r **4**. “(...) santo honrrado No / no bispo entre *as* portas da dieta igreja.”

O nome

Substantivo

O latim possuía o substantivo flexionado em, gênero, número e caso. Com o desaparecimento do neutro e a redução gradual dos casos, ficaram em português apenas resquícios do acusativo (chamado caso lexicogênico ou gerador) e os substantivos ficaram somente com a flexão de gênero e número. Embasados nestes fatos históricos, vejamos alguns aspectos filológicos, mais exatamente etimológicos, a respeito dos substantivos, selecionados de acordo com a sua locali-

zação no texto.

Por uma questão de metodologia, adotaremos o seguinte critério:

- a) distinguiremos os verbetes selecionados, situando-os antes de sua
- b) localização no texto, quando lhes
- c) faremos os respectivos comentários filológicos.

Pellagya; Paya

fol. 74v **1.** “Aquy se começa a vida de Sancta *Pellagya*.”

fol. 79v **31.** “Em mynha nacença o meu nome foy *Pa/ya*,”

S.f. Nome de mulher. Do gr. **Πελαγία**, através do lat. *Pelagia*. No masculino, Pelágio, do gr. **Πελάγιος**, de **Πελάγιος**, “marinheiro”, “que vem do mar”, através do lat. *Pelagiu*. De *Pelágio* provém Paio, com a seguinte evolução: *Pelágio* > *Pelayo* > *Palayo* > *Palaio* > *Paayo* > *Paio*, o mesmo acontecendo com a outra forma feminina *Paya* > *Paia*. Existe a forma proclítica *Paai* e também *Paay* > *Pay*. Deste substantivo, tem-se o patronímico *Pais*, do baixo latim *Pelagici*, que evoluiu para *Pelagizi* > *Pelaizi* > *Pelaici* > *Pelaiz* > *Paaiz* > *Paaez* > *Paez* > *Paes*. *Paio* é ainda o nome de um santo, de grande devoção dos portugueses, falecido no século III. Temos então: *São Paio* > *Sampaio*.

Jacobo

fol. 74v **2.** “Nobre e honesta cousa pareceo (a) my *Jacobo* pecador”

S.m. Nome de homem. Do hebraico *Iakob*, (o mesmo que *Jacó*, “Deus segue”, isto é, “recompensa”, existindo, entretanto, outras hipóteses); através do lat. *Iacobu*. Esta forma é a que aparece no Novo Testamento para designar os Apóstolos cristãos São Tiago Maior e São Tiago Menor. Porém, *Tiago*, s.m. nome de homem, advém do falso corte da locução Sant’Iago, explicável pela existência da forma apocopada *San*, de *Santo*.

Hyrmaão

fol. 77r **15.** “Oo Jacobo hyr/maão, vy hũu sonho do qual som muy

turbado”

S.m. Irmão. Do lat. *germanu*, de origem desconhecida. Sobre a evolução do verbete, ouçamos as explicações de Antenor Nascentes, que nos propicia uma visão global a respeito:

(...) scilicet *frâte*, irmão do mesmo gérmen, inteiro; esp. *hermano*, asturiano *hirmanu*. O lat. *fratre* (it. *fratello*, fr. *frère*) fol sobrepujado por *germanu* e passou a designar o irmão espiritual (cfr. em gr. *adelphós*, e *phrátor*, v. Bréal, Dic. etym. lat., M. Lübke, REW, 3742). Cornu, Port. Spr. § 219, entende que o *g* passou a *i* semivogal em ligações como *meo tuo suo germano*. G. Viana, Ortografia Nacional, 97, considera o fato, que é antigo, mal explicado. João Ribeiro, Gram. Port., 306, diz ser provavelmente a forma espanhola e, se não for, o som do *g* é igual ao de *j* e conseqüentemente uma semivogal: *jermão*, *iermão*, *irmão*. Ora, espanhol não pode ser porque língua nenhuma toma de empréstimo palavras essenciais como os nomes de parentesco; *g* brando ou *j* não são semivogais, são consoâncias palatais e *ie* dá *e* (cfr. *pariete*, *parede*). M. Lübke, Gram., I, 350, depois de explicar a transformação espanhola do *g* em *yerno*, *yente* (arc.) *yeso*, *hielo*, acha a transformação portuguesa proveniente de grupos como *meu irmão*. Pidal, Gram. Hist. Esp., §38, explica a perda da fricativa pelo acento. Nunes, Gram. Hist. Port., 158, explica a queda do *g* por um caso de fonética sintática: a junção do artigo *illu*, formando corpo com *germanu*, determinou a queda normal do *g*, que passou a ser médio. Segundo Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Protuguesa*, 94, em um documento altino-bárbaro do Mosteiro de Pedroso, do século IX, já se lê *iermana* (*Diplomata et Chartae*, pg.7). Cortesão dá: *Sua mater aut suos ermanos* (Leges, pg.837-A. 1188-1230). Etimologicamente se deveria escrever *ermão*, mas houve uma adaptação da grafia à pronúncia do *e* átono inicial como *i*. (NASCENTES, 1952-55: vol. 1, p. 280-81)

Cabenêssio

fol. 75r 3. (...) no mosteiro de *Cabenêssio*.

S.m. Nome de um mosteiro. J.J. Nunes dá a seguinte explicação, inserida à pág. 20 do texto em estudo, a VIDA DE SANTA PELAGIA, ao registrar a forma *Tabenêssio*: “‘Tabenensiotarum’ diz o texto latino, o qual ficava na Thebaida superior.” É possível que tenha havido erro do copista, ao escrever á palavra com /C/.

Sam Gião

fol.75 r 4. “(...) tomassê e ouvessem hospicio e pousada na igreja do bem / aventureado mártir *Sam Gião*.”

S.m. Nome de São Juliano. O substantivo *Gião* é raro. Forma antiga de *Julião*, restaurou-se por influência eclesiástica em *Juliano*, [do lat.

Julianu, do adj. *julianus*, de Júlio, cognome romano]. Também existe a forma arcaica em *Juyão*.

Hospicio

fol.75r 4. “(...) tomasse e ouvessem *hospicio* e pousada na igreja do bem/ aventureado mártir Sam Gião.”

S.m. Do lat. *hospitiu*. Casa religiosa onde se hospedavam peregrinos e viajantes. Mais tarde, passou a designar asilo para alienados mentais.

Jogressa

75r 5. “(...) e passou perdante elles húa *jogressa* /”

S.f. O mesmo que *jogresa*, feminino de jogral, do prov. *jogular*, (ou *juglar*) e *jograr*, através do lat. *joculare*. Segundo J. Leite de Vasconcelos, o termo proveio do lat. *joculator*, ‘zombador’, e na Idade Média passou a significar “histrião” e depois “jogral”. Todavia, em consonância com J.P. Machado, o vocábulo

(...) não pode, evidentemente, ter origem no latim *joculator*, como pretendeu Leite de Vasconcelos, (...) mas sim em *joculare*, substantivação do adjetivo *jocularis*, ‘divertido’, ‘engraçado’, ‘ridículo’, cf. também o it. *giocolare* e o cast. *Juglar*. (MACHADO, 1955-59, s.v.)

Molher

(...) *molher* pubrica que sse lança aos homeês, //

S.f. Mulher. Do lat. *muliere*, mulher; mulher casada. No esp. *mujer*; it. *moglie*; fr. ant. *moillier*. Quanto à explicação fonológica, ouçamos Antenor Nascentes:

Sendo breve o *u*, deu *o* no port. arc.: assim é que temos: *Maria Pelaliz*, *moler* (l = lh) que foy de *Fernam Ermigit* (Inquisitiones, pg. 304). *D’om’ ou de molher* (*Canc. de Ajuda*, 421). O *o* depois mudou-se em *u*, por influência da palatal *lh*. (Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, 76, G. Viana, *Ortografia Nacional*, 93, Nunes, *Gram. Hist.*, 57, Pidal, *Gram. Hist. Esp.*, § 20, Bourciez, *Ling. Rom.*, pg. 155. O acento do latim clássico deslocou-se (M. Lubke, *Gram. I*, 522, Nunes, op.cit., 33, Bourciez, *Ling. Rom.* pg. 38). *Molher* aparece até o século XVII (*Prosódia e Tesouro da Língua Portuguesa*, de Bento Pereira). Cornu, *Port. Spr.*, § 130, dá um arc. *moyer*. (*Op. cit.* p. 346)

No texto, a frase “molher pubrica” significa prostituta; cortezã.

Giolho(s)

fol. 75v. 7. e pôs/ sua face sobre seus *giolhos*, chorando muitas/ lágrimas,

S.m. Joelho. Do lat. *genuc(u)lu*, dimin. de *genu*. Em Portugal, a forma primitiva foi *geolho* e também *giolho*. Em esp. *hinoho*, it. *ginocchio*, fr. ant. *genouil*, mod. *genou*. Sobre a evolução do termo, vejamos A.R. Gonçalves Viana, citado por J.P. Machado:

A forma moderna *joelho* ou provém de outro diminutivo de *genu*, *genic(u)lum*, como cuidado, ou foi refeita pela *metátese* de ajoelhar por *a-geolhar* < geolho, como é o aprezer de quase todos os etimologistas. (*Op. cit.*, p. 1263)

SSudayro

fol. 75v. 7. “(...) que nom o ssudayro sso, que em suas m/aaõs tii-
nha,”

S.m. Sudário. Do lat. *sudariu*, de *sudare*, ‘suar’, ‘transpirar’; ‘estar úmido’. A forma com metátese é própria do português arcaico. No texto, a palavra refere-se à tela que representa o rosto ensangüentado de cristo e/ou à mortalha de Cristo.

Põõba

fol. 77r. 15. E disse: vy / ã cabo do altar hã *põõba* de collar negra

S.f. Pomba. Do lat. *palumbu*, ao lado de *palumbis*, ‘pombo bravo’. No Appendix probi, (99) *Palumbes* nom *palumbus*. No esp. *palomo*, *a*; it. *palombo*, *a*. No século XIV, surgiu a forma *poombo*, *poomba*, com assimilação. O emprego do sinal (~) é outra maneira de nasalização do português arcaico.

Catecumynos

fol. 77r. 16. “E quando o diacono, segundo seu costume, lançou fora os *catecumynos*,”

S.m. Catecúmeno. Do gr. **Κατεχούμενος**, pelo lat. *catechumenu*. Pessoa que se prepara e instrui para receber o batismo; noviço. Com flexão de número.

Poblicanos

fol. 78r. 21. “(...) e participou com muytos *poblicanos* e pecado/res.”

S.m. Publicano. Do latim *publicanu*. Antigo cobrador de impostos públicos no Império Romano. Pej. Comerciante.

Nono

fol. 75r **3.** “(...) foy o sancto bispo *Nono* meu senhor, baron/ nobre, sancto, justo, directo.”

S.m. Nome de homem. Do gr. **Νόννος**, nome de um poeta. Do lat. *nonu*, o nono filho (cf. *Quintus, Septimus, Octavius* etc.). Depois foi usado sem qualquer relação com o número.

Olivete

fol. 82r **45.** “(...) e ainda m/uyta gente e monjes junta veerom a monte *Olivete*.”

Top. O Monte das Oliveiras, nas proximidades de Jerusalém. Do lat. *Olivetum*.

Fremosura

fol. 75v **8.** “(...) e vos delectastes na / grande *fremosura* desta mulher,”

S.f. Formosura; beleza. Do lat. *formosu*, mais o sufixo *ura*. *Fermosura*, por dissimilação, e *fremosura*, por metátese.

Cibo

fol. 79v **2.** “(...) e coimamos e tomemos *cibo* e manjar cõ todo / plazer spiritual.”

S.m. Ant. Cibo; comida; pequena porção de alimento. Do lat. *cibu*.”

Dellecto

fol. 76r **8.** “(...) na fremosura desta mo/lher, nom ouvestes plazer e *dellecto*?”

S.m. Possivelmente, *deleite*, dev. de *deleitar*, do lat. *delectare*, Gozo íntimo e suave. || Prazer inteiro, pleno, completo; delícia, deleitação. Deu-se a vocalização do /C/ em /l/.

Hestoria

fol. 75r **3.** “(...) porque esta *hestoria* he comprida”

S.f. História. Do gr. **ἱστορία**, informação, pesquisa, conhecimento; relação verbal ou escrita do que se aprendeu; narrativa; provém do vocábulo grego **ἵστωρ**, ‘o que sabe’; pelo lat. *historia*. Ao lado da forma encontrada, havia também no português arcaico as formas *estorea* e *estoria*. O grafema <h> é dispensável por não ter valor foné-

tico.

Turpidades

fol. 79r. **27.** “(...) e faça ca/hir em *turpidades*.”

S.f. Torpeza, torpidade. É formado com o adj. lat. *turpe* mais o sufixo *dade*. Originalmente, significava feio, disforme; desagradável ao ouvido. Com flexão de número.

Nimigalha

fol. 76v. **13.** “(...) que formaste e fizeste todas as/ cousas de *nimigalha*,”

S.f. O mesmo que migalha. Quanto à explicação do verbete, vejamos J.P. Machado:

Migalha de um lat. hispânico *micālea* (vj. esp. *migaja*); séc. XIV: ‘... que apanhavam so a mynha messa as *migalhas*, e os ossos’, nos *Inéditos de Alcobaça*, II, p. 190; a forma composta *nem migalha*, ou *nemigalha*, já se documenta em D. Afonso Sanches: ‘Mais aquele que nos manda | sei tanto, se Deus me ualha, | que, pero conuosco, manda | por uos pouc ou *nemigalha*’, C.B.N., n° [356];” (*Ibidem*, p. 1503)

O vocábulo provém do lat. *mica*, ‘parcela’, ‘grão’, mais o sufixo *alha*, por via culta.

Abisso

Fol. 75v. **25.** “Eu som *abisso* e alta profundeza de perdi/com.”

S.m. O mesmo que *abismo*. Existe a forma p.us. *abisso*, daí o adj. 2 g. *abissal*. O vocábulo provém do gr. ‘**ἄβυσσος**, ‘sem fundo’; ‘inferno’, ‘abismo’, pelo lat. *abyssu*.

Obprobrio

Fol. 80v. **35.** “(...) e nom seja feyto *oprobrio* e doesto aos cristãos.”

S.m. Opróbrio. Do lat. *opprobriu*. Abeção extrema. || Ignonímia, desonra. || Afronta infamante; injúria.

Bitó

Fol. 81r. **39.** “(...) Paia se / levantou e tirou de sy as ditas vestiduras / brancas e vestio hũa saia e hum *bitó*.”

S.m. Anjo. Do gr. ‘**ἄγγελος**, ‘mensageiro’, pelo lat. eclesiástico *angelu*. Com flexão de número.

Scano

Fol. 82v. 45. “E quando tiraram o corpo e o poserom (em) huum *scano*”

S.m. Escano. Do lat. *scamnu*. Espécie de estrado alto.

Iherusalem

Fol. 81v. 41. “(...) fiz eu voto de ir a *Iherusalem*”

Top. A cidade de Jerusalém, na Palestina. Do hebraico, *Ierusalaim*, ‘casa, cidade ou habitação da paz’, pelo gr. **Ἱεροσόλυμα**, depois pelo lat. *Hierosolyma*. Para menor enfoque, usamos Antenor Nascentes:

(...) Do hebr. *Ierusalaim*, a posse da paz (ST, 261), Casa, cidade ou habitação da paz (Gesênio, apud Saraiva). Visão da paz, visão perfeita (Apêndice da Vulgata). Posse da felicidade (Ledrain). Cidade da paz (Century). *Ierusalem*, que quer dizer visão da paz... (Fr. Heitor Pinto, *Imagem*, I, 320). Porque Jerusalém quer dizer vista de paz: visio pacis... (Vieira, *Sermões*, ed. de 1907, XII, 133). Ledrain viu na terminação uma desinência de dual que marcasse as duas partes da cidade. A cidade aparece no Velho Testamento com os nomes *Jebus*, lugar trilhado... *Josué*, XV, 8, Juízes, XIX, 10 (...) e *Salem* (Gênesis, XIV, 18, Salmos, LXXV, 3). Só depois da vitória de Davi sobre os jebuseus, de quem era a capital (II Reis, V, 6, 7), aparece como *Jerusalém*, que talvez por etimologia popular resulte da junção dos dois nomes anteriores. Tornou-se então o amparo do judaísmo; daí ‘morada da paz’. (*Op. cit.*, p. 161)

E continua o autor:

A forma grega dos *Setenta*, *Hierosalém* e a outra forma grega *Hierosóluma*, lembram, por etimologia popular, um composto de *hierós*, sagrado, (Jerusalém era e ainda é uma cidade santa), no primeiro caso com *Salem* e no segundo com o nome dos *solimos*. Os *sólimos* era um povo da Ásia Menor, a que se referem Homero, *Ilíada*, VI, 283, 204, Tácito, *Histórias*, V, 2, HN, 94, 127. *Hierosolyina* aparece em *Atos*, I, 4. e em Plínio, Cícero. Aparece em Camões, Lus. III, 27, 2, VII, 6, 2, em Vieira, *Sermões*, ed. de 1907, XI, 176, sob a forma *Jerosólimas*. (*Ibidem*, p. 161)

Adjetivo

Em comparação com os substantivos, os adjetivos apresentam “uma concordância quase perfeita” no que concerne ao gênero e número.

Mas existem algumas particularidades, como as dos termina-

dos em *-dor*, que apresentam, para os dois gêneros, a mesma forma, sendo invariáveis por isso. Outros, hoje em dia invariáveis, como é o exemplo de *quite*, podiam ser variáveis no português arcaico: *quito*, *qujto*, *quitos*; *quita*, *quyta*, *quitas*, *quita*], *quytas*.

Por outras vezes, alguns adjetivos aparecem substantivados, em razão de estarem elididos aos substantivos que os acompanham, mantendo o gênero do substantivo elidido.

Do texto que pesquisamos, selecionamos os seguintes, relacionados abaixo.

Simplezes

fol. 77v. **19.** “(...) confortava os *simplezes* / e fracos,”

Adj. 2 g. e 2 num. Simples. Do lat. *simplice*. Esp. *simple*, it. *semplice*, fr. *simple*. Registra-se também a forma *simplez*.

Onesto

fol. 82.v **46.** “(...) o sancto corpo foy per os santos padres levado / e em logar limpo e *onesto* e com nuyta hõ/rra posto e tumulado.

Adj. Honesto. Do lat. *honestu*. O grafema <h> é dispensável por não ter valor fonético.

Myngado

fol. 77v. **14.** “me / vejo nuu e de todo *myngado* e desfalleçido //”

Adj. m. Minguado, ‘tornado menor, diminuído, reduzido’. Do lat. *minuare* por *minuere*, ‘diminuir’. Também part. de *miungar*, com metátese. Também havia a forma *menguar*.

Êcravelhadas

fol. 79v. **33.** “(...) o diaboo apareceo nuu com as mãos *êcravelha/das* sobre sua cabeça”

Adj. Formado com o prefixo arcaico *ê*(=en), mais o substantivo feminino *cravelha*, do lat. *clavicula*, ‘pequena chave’, e o sufixo *-ada*. Com flexão de número.

Tumulado

fol. 82v. **46.** “(...) com muyta hõ/rra posto e *tumulado*.”

Adj. O mesmo que *sepultado*. Formado do lat. *tumulu*, ‘eminência,

elevação' e mais *-ada*, sufixo.

Semelhavel

fol. 80r. **34.** “Por certo tu seguiste e es *semelhavel* a / Judas.”

Adj. 2 g. Semelhável, i.e., que se pode semelhar, do lat. **similaire* < lat. tardio *similare*.

Ëcovados

fol. 82r. **42.** “(...) por/que os olhos d’el por a grande abstinência e/ram muyto *ëcovados*”

Adj. Encovado. Part. de *encovar*. No texto, com o sentido de *profundo*. O processo de nasalização é idêntico ao verificado com a palavra *ëcravelhadas*. Com flexão de número.

Emcolheyta

fol. 82r. **43.** “A sua face era muy magra e muyto ãvert/rugada e *emcolheyta*.”

Adj. Encolhido. Part. de *encolher*. No texto, com o sentido de diminuído, contraído.

Pronomes

Pessoais

Em busca de melhores palavras introdutórias, recorreremos outra vez às coerentes explicações de Clarinda de Azevedo Maia:

Os pronomes pessoais, cuja função essencial é a de indicar a pessoa gramatical, caracterizam-se, no português actual, por um lado, pela conservação da estrutura heterónima latina com *eu, tu, nós, vós* e, por outro, pela introdução de uma série de terceira pessoa (*ele, ela, eles, elas*) que, à maneira das formas nominais, tem o feminino em *-a* e o plural em *-s*. Essas formas, chamadas *rectas*, usam-se isoladamente ou como sujeito de uma forma verbal. Algumas delas — *nós, vós, ele(s), elas(s)* —, precedidas de preposição, empregam-se na expressão de vários complementos (cf. *por nós, de nós, a nós*, etc.). Ao lado dessas, há as chamadas formas oblíquas: por um lado, as formas tónicas da primeira e segunda pessoas do singular (*mim, ti*) que, subordinadas a uma preposição, se usam na expressão de vários complementos; por outro, as formas átonas, *me, te, lhe, nos, vos, lhes*, usadas, como enclíticas ou proclíticas de forma verbal de que dependem, para expressar um complemento. (*Op. cit.*, p. 662-63)

Em sua transformação histórica do latim ao português, condensamos de E.B. Williams essencialmente as seguintes explicações:

Ao passo que somente o caso acusativo sobreviveu nos substantivos e adjetivos em português, o nominativo e o acusativo e por vezes também o dativo dos pronomes pessoais sobreviveram. Esses casos não são sempre restritos à sua função original, já que algumas formas do acusativo são usadas como dativo e algumas de nominativo e dativo são usadas como objeto de preposições. (WILLIAMS, 1973: 148)

Quanto ao processo de acentuação, diz o autor que: “Algumas formas se desenvolveram em posição acentuada, algumas em posição não acentuada.” (Ibidem, p. 148)

Formas Acentuadas

1. Os pronomes sujeitos, que geralmente se desenvolveram sob acento tônico, e as formas do latim clássico de que são derivados são os seguintes:

latim clássico		português
ego		eu
tū		tu
ille		ele
el (arc. e pop.)	illa	ela
nōs (nom.)		nós
uos (nom.)		vós
		eles
		eis (arc. pop.)
		elas” (Ibidem, p. 148)

Formas não Acentuadas

Essas formas se desenvolveram como proclíticas ou enclíticas ao verbo ou a alguma outra palavra que levava acento. Como nunca ocorrem no português arcaico como primeira palavra da oração e raramente como última palavra, elas parecem ter-se desenvolvido mais comumente na posição intertônica, isto é, entre duas sílabas acentuadas, mas não necessariamente adjacentes a uma dessas duas sílabas; uma das duas sílabas podia ser tônica secundária. Essa é sua posição quando usadas como infixos do futuro do indicativo e no condicional. (Ibidem, p. 152-3)

Formas não Acentuadas que não Recebem Influência de Sons Adjacentes

As formas de alguns pronomes não acentuados em português não foram influenciadas em seu desenvolvimento pelos sons das palavras adja-

centes.

latim clássico	português
mē	me
tē	te
sē	se
nōs	nos [nus]
uōs	vos [vus]" (<i>Ibidem</i> , p. 153)

Formas não acentuadas que recebem influência de sons adjacentes.

1. As formas de alguns pronomes não acentuados e, português foram influenciadas no seu desenvolvimento pelos sons dos verbos adjacentes de outros pronomes ou de outras partes do discurso.

latim clássico	latim vulgar	português
illum (acus.)	*lo	o -lo -no
illud (acus.)	*lo	o -lo -no
illam	(acus.)	*la a -la -na
illōs	(acus.)	*los os -los -nos
illās	(acus.)	*las as -las -nas
illī	(dat.)	*li li (arc.) e lhe
illīs	(dat.)	*lis lis (arc.) e lhes che (arc.) xe (arc.)" (<i>Ibidem</i> , p. 154)
tē		
sē		

“Terceira pessoa do plural: *eles, eis e elas* não provieram diretamente do latim, mas foram formados analogicamente pela adição da terminação do plural a *ele, el e ela*, formas do nominativo singular.” (*Ibidem*, p. 149)

2. Os pronomes usados como objeto de preposições desenvolveram-se sob acento tônico. São dados abaixo, com as formas do latim clássico e do latim vulgar de que derivaram:

latim clássico	latim vulgar	português
mī		mī (arc.) mim
tībi	tī	tī
sībi	sī	si
ille		ele el ela
illa		ello (arc.)
illud (neut.)		
nōs		nós
uos		vós

eles
eis (arc. e pop.)
elas” (*Ibidem*, p. 149)

Terceira pessoa do plural teve a mesma formação de *eles*, *eis* e *elas*, mencionada acima (nº 1)

3. A preposição *cum* se juntou com enclítica ao ablativo dos pronomes pessoais e reflexivos:

latim clássico	português arcaico	português moderno
mēcum	mego, começo, migo, comigo	comigo
tēcum	teco, contigo, tigo, contigo	contigo
sēcum	sego, conseço, sigo, consigo	consigo

latim clássico	latim vulgar	português arc.	português moderno
nōbīscum	noscum	nosco	conosco
uōbīscum	uoscum	bosco	convosco” (<i>Ibidem</i> , p. 150)

4. A preposição *en* ou *em* foi juntada com proclítica às formas preposicionais do pronome pessoal da terceira pessoa (...) e às formas dos pronomes e adjetivos demonstrativos *este* e *esse*. Essas combinações desenvolveram-se no início em maneira fonológica regular, mas finalmente apareceram com n inicial (*nele*, *neste*, *nesse*), que devem ser devidas a alguma influência não fonológica. (*Ibidem*, p. 151)

A guisa de igual procedimento com os substantivos, situaremos os pronomes dentro do texto de acordo com sua ordem seqüencial, não importando pertencerem às três pessoas do singular e do plural, ou que se encontrem nas formas retas e oblíquas, tônicas e átonas.

(a) *my*

fol. 74v. 2. “Nobre e honesta cousa pareceo (a) *my* Jacobo pecador”

Oblíquo, tônico, 1ª pessoa do sing.

(a) *vos* (=vós)

fol. 74v. 2. “(...) y screpver a *vos* sanctos hyrmaaos,”

Reto, tônico, 2ª p. pl. Por lapso do copista, não se acentuou o verbete, provavelmente.

me

fol. 75v. 8. “Rrogo-vos que *me* digades / se ouvestes algũu prazer”

Oblíquo, átono, 2ª p. do sing.

nos

fol. 76r. **9.** “(...) esta molher *nos* ha-de preçeder”

Oblíquo, átono, 1^a p. do pl. O verbo haver, como auxiliar, junto de infinitivo e precedido da preposição *de*, forma um tempo composto futuro.

nos (= nós)

fol. 76r. **10.** “E *nos* que / avemos nosso poder eternal nos ceos”

Reto, 1^a p. pl. Outra vez, por lapso do copista, provavelmente se omitiu o acento grave.

de nos (= nós)

fol. 76r. **10.** “(...) nẽ tiramos *de nos* os pecados / e çugidades e maldades”

Reto, tônico, 1^a p. pl. Igual ao caso anterior, presume-se o mesmo erro do copista.

El

fol. 76v. **12.** “(...) nem mercedor de servir mo / teu santo / altar e ministro e servo em *el*”

Reto, 3^a p. sing.

Eu

fol. 76v. **14.** “*Eu* Senhor, assy no çeeo como na terra, me / vejo nuu e de todo myngado e desfallecido / /”

Reto, 3^a p. sing.

Ella

fol. 77r. **14.** “(...) e *ella* o que prometeo aos homeẽs comprio”

Igual definição do pronome *el*, porém feminino.

A

fol. 77v. 17. “(...) e tome-y-a e meti-a ã hũa / piia”

Oblíquo, átono, 3^a p. feminino sing.

Sy

fol. 77r. **17.** “(...) e tirou de *sy* toda çugidade”

Oblíquo, reflexivo, tônico, 3^a p. sing. No texto, com referência a nome feminino

Se

fol. 77v. **18.** “O qual *se* levantou (...)”

Possui a mesma classificação do pronome anterior, porém átono.

Tu

fol. 78r. **23.** “Qual quer que *tu* es e quem es / ao Senhor Deos claro, certo e manifesto he.”

Reto, 2^a p. sing.

Te

fol. 78r. **23.** “E por em / *te* rogo e amoesto”

Oblíquo, átono, 2^a p. sing.

Lhe

fol. 78v. **26.** “O santo bispo Nono por força a fez levantar / de terra e / *lhe* disse (...)”

Oblíquo, átono, 3^a p. sing.

Contigo

fol. 80r. **33.** “E agora sobretudoo tiraste a mynha muy grãde sper/anca Paaya e a tees *contigo*”

Oblíquo, tônico, 2^a p. sing.

(Continua no próximo número)